



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CE
CURSO DE PEDAGOGIA À DISTÂNCIA

APRENDENDO A LINGUAGEM ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: AS
CANTIGAS DE RODAS COMO POSSIBILIDADE.

DISCENTE: **ATÁLIA ROSE DE LIMA E SILVA**

SÃO GONÇALO DO AMARANTE-RN

2017

ATÁLIA ROSE DE LIMA E SILVA

**APRENDENDO A LINGUAGEM ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: AS
CANTIGAS DE RODAS COMO POSSIBILIDADE.**

Artigo Científico apresentado ao Curso de Pedagogia à distância do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da professora Bárbara Raquel Coutinho Toscano Azevedo.

**SÃO GONÇALO DO AMARANTE-RN
2017**

ATÁLIA ROSE DE LIMA E SILVA

**APRENDENDO A LINGUAGEM ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: AS
CANTIGAS DE RODAS COMO POSSIBILIDADE.**

Artigo de conclusão de curso apresentado ao Curso de Pedagogia à Distância do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Prof^a. Ms. Bárbara Raquel Coutinho Toscano Azevedo (Orientadora) – NEI/Cap-
UFRN

Profa. Ms. Elaine Santana de Oliveira – NEI/CAp-UFRN

Profa. Ms. Paula Francimar Eleutério – SME- NATAL

AGRADECIMENTOS

O que posso dizer aqui, nos agradecimentos é que enfim o sonho de estudar na Universidade Federal do Rio Grande do Norte tornou-se real para mim. Nesta jornada durante quatro anos tive a experiência de me relacionar e ganhar mais amigos. Uma turma inesquecível. Sentirei saudades. O curso de pedagogia me abriu novos horizontes tanto pessoais como profissionais. Durante esse período de curso aprendi a ser mãe e ter paciência. Proporcionou-me oportunidades de conhecer profissionais da área por onde estava de passagem: os estágios, conhecendo os desafios e dificuldades de se trabalhar como professor da rede pública dia após dia.

Deixo aqui meus agradecimentos primeiramente a Deus, que com certeza esteve comigo em todos os momentos. Ao meu esposo Daniel, que me apoiou e superou muitos obstáculos comigo. A minha filha Dahra Rose, com quem eu aprendi a voltar ao mundo infantil e até às vezes participando de minhas experiências de estudo. A minha querida amiga Anna Karina pelos incentivos e motivações durante este percurso. A professora do meu último estágio Francisca Jamile Lopes de Azevedo que me ajudou no meu dia a dia com as crianças. A minha Orientadora, a professora Bárbara Raquel Coutinho Toscano Azevedo, que sempre foi muito gentil e dedicada. Ao meu pai Marcos Aurélio Marcolino de Lima e a minha família em geral que sempre esteve presente em todos os momentos.

Dedico este trabalho a minha falecida mãe Jane Rose Rocha de Lima que sempre teve o sonho de ser professora, mas que por interferência do destino não conseguiu realizá-lo e a minha avó Celeste Marcolino de Lima (In memória).

RESUMO

As cantigas de roda são percebidas como elementos de nossa cultura, como arte, movimento e expressão. No contexto da Educação Infantil, são utilizados como um recurso pedagógico para o trabalho nas instituições infantis, e através destes proporcionam valores e atitudes sociais que favorecem os modos de ser e estar em um determinado grupo. Considerando a relevância desse artefato cultural, artístico e expressivo para o desenvolvimento e aprendizagem da criança da Educação Infantil. De que forma, a cantiga de roda possibilita o reconhecimento da escrita e leitura e seus usos sociais no contexto da Educação Infantil? Então, a cantiga de roda como atividade, por meio da brincadeira que permeia o mundo infantil, deve ter um repertório musical variado e ser realizada dentro do contexto da criança tornando-se significativa, respeitando a sua cultura, pois, através da cultura oral pode-se trabalhar a cultura escrita e de leitura, de forma lúdica, espontânea e interdisciplinar. Assim, o objetivo deste trabalho é apresentar possibilidades de reconhecimento dos usos sociais da leitura e da escrita na Educação Infantil, compreendendo as cantigas de roda como possibilidade.

Palavras-chave: Leitura e escrita; Cantiga de roda; Educação infantil.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como principal objetivo compreender a possibilidade do trabalho com a linguagem escrita na educação infantil utilizando as cantigas de rodas como possibilidade de construção de conhecimento de forma significativa e prazerosa.

As cantigas de roda são percebidas como elementos de nossa cultura, como arte, movimento e expressão. No contexto da Educação Infantil, são utilizados como um recurso pedagógico para o trabalho nas instituições infantis, e através destes proporcionam valores e atitudes sociais que favorecem os modos de ser e estar em um determinado grupo.

Considerando a relevância desse artefato cultural, artístico e expressivo para o desenvolvimento e aprendizagem da criança da Educação Infantil. Definimos em nosso trabalho a seguinte questão de partida. De que forma, a cantiga de roda possibilita o reconhecimento da escrita e leitura e seus usos sociais no contexto da Educação Infantil?

O trabalho com a leitura e escrita necessita ser iniciado desde os primeiros anos de escolarização da criança. Ainda na Educação Infantil, a criança deve ser apresentada a elementos de nossa cultura escrita. Como propõe FERREIRO (1987), a criança vive em um ambiente letrado, permeado de conhecimentos da escrita, que necessitam ser significados e apresentados a ela.

Assim, cabe ao professor possibilitar a criança construir novos significados através da decodificação dos signos, seja sonoro ou não, promovendo a aquisição da linguagem por meio da exploração vocal, reproduzindo, criando, e assim reconhecendo o uso das letras, das palavras e futuramente das frases, transformando sua realidade. E por meio dessa interação recriar sua história através de suas experiências.

Segundo Azevedo (2012), para a aprendizagem da língua escrita é necessário que os sujeitos se apropriem do sistema de escrita. A aquisição desse sistema não deve ser alcançada de maneira mecânica (imitação, repetição, associação), mas sim de forma que os aprendizes interajam com a escrita como forma de linguagem.

O trabalho a ser realizado com crianças pequenas em sala de aula deve contemplar momentos em que sejam criadas condições para que elas se apropriem de práticas da cultura, internalizando os modos de agir, pensar, sentir próprios de seu contexto sócio-cultural, constituindo-se como pessoa e sujeito social (VYGOTSKY, 2007). Nessa perspectiva o professor deve atuar como um mediador, tendo a sensibilidade de considerar e respeitar as especificidades das crianças.

Para VYGOTSKY 1998, é necessário, levar a criança a uma compreensão interior da escrita, assim como fazer com que a escrita seja desenvolvida e organizada, durante um aprendizado linear. Se quiséssemos resumir todas essas demandas práticas e expressá-las de uma forma unificada, poderíamos dizer que o que se deve fazer é ensinar às crianças a linguagem escrita e não apenas as escritas das letras.

Sendo a linguagem escrita uma prática essencial ao nosso meio sócio-cultural, como uma das formas de comunicação, faz-se necessário que as crianças desde os anos iniciais de sua formação estejam envolvidas com esse tipo de linguagem, de acordo com Baptista (2009, p. 21).

Na Educação Infantil pode, e deve ser realizado um trabalho com as crianças que privilegia a escrita enquanto linguagem, que faça elas perceberem que “nossa vida social se organiza em torno da escrita. No dia-a-dia dos cidadãos, as práticas de leitura e escrita estão presentes em todos os espaços, a todo momento, cumprindo diferentes funções” (BATISTA, 2006).

Então, a criança praticamente já nasce inserida no mundo da leitura e escrita e na educação infantil como o ciclo de introdução de aprendizagem, dá-se continuidade a esse processo, onde se trabalha plenamente o conceito do lúdico dando significado ao processo, e que por meio deste a criança perceba como se reconhece a letra e se escreve, refletindo a hipótese que fez.

Nesse sentido importa que o educador tenha uma prática de estimular a criança a responder e interagir para que se expressem, ouçam, cantem e se movimentem de modo que quando forem realizar as atividades estabelecidas em sala possam realizá-las com entusiasmo.

Assim, a cantiga de roda como atividade, por meio da brincadeira que permeia o mundo infantil, deve ter um repertório musical variado e ser realizada dentro do contexto da criança tornando-se significativa, respeitando a sua cultura, pois, através da cultura oral pode-se trabalhar a cultura escrita e de leitura, de forma

lúdica, espontânea e interdisciplinar. Assim, o objetivo deste trabalho é apresentar possibilidades de reconhecimento dos usos sociais da leitura e da escrita na Educação Infantil, compreendendo as cantigas de roda como possibilidade.

Nosso artigo ficou organizado em três momentos. Primeiramente refletiremos acerca dos conceitos de criança, infância e educação infantil. Em um segundo momento conversaremos sobre a linguagem escrita como possibilidade de interação e construção de conhecimento na infância. E por fim, abordaremos as cantigas de roda como possibilidade lúdica e significativa de imersão das crianças de Educação no contexto da linguagem escrita. No referencial teórico serão abordados temas como a criança na Educação Infantil, reflexões sobre as cantigas de roda, o papel da linguagem escrita, compreendemos que a interlocução desses temas possibilite uma prática significativa para a construção de conhecimentos sobre a leitura e escrita.

Neste trabalho também foram realizadas entrevistas com professores na instituição de Educação Infantil em São Gonçalo do Amarante, município que compõe a região da grande Natal, situada no estado do Rio Grande do Norte. Nesse contexto, foram questionados aos professores qual o papel das cantigas de roda na construção dos conhecimentos de leitura e escrita por crianças de educação Infantil.

Em nossa pesquisa de campo, foi questionado aos professores qual o papel das cantigas de roda na construção dos conhecimentos de leitura e escrita por crianças de educação Infantil. Para a compreensão do contexto problema, recorreremos à seguinte coleta de dados com entrevista realizadas com as professoras através de um questionário e análise dos dados coletados.

A CRIANÇA COMO SER HISTÓRICO, SOCIAL E CULTURAL

Com base em Oliveira (2010), pensar sobre a criança pequena nos dias de hoje em muito difere de como elas eram vistas em tempos mais remotos. Essa diferença nas concepções de criança é uma produção histórica e social que se deu, gradativamente, conforme as mudanças sociais decorrentes das transformações nas condições socioeconômicas que foram se instaurando na sociedade a partir de processos como a urbanização, a industrialização, a estruturação de classes sociais, a inserção da mulher/mãe no mercado de trabalho e, posteriormente, os avanços tecnológicos e científicos que criaram novas necessidades, novos valores, novas

visões de homem, de mundo, de criança e infância. A criança torna-se objeto de estudo em ciências pioneiras como a filosofia, a medicina e a psicologia.

As crianças existem desde sempre como um ser social ativo e criativo produzindo cultura, participando de várias tarefas nos espaços em que habitam, sendo a ação de se relacionar com o outro, adultos ou até mesmo crianças, que transforma o mundo e se transforma, originando o conceito de infância. Essa infância está localizada num tempo e lugar onde estão inseridas, marcando seu lugar no contexto social, como um meio de construção. Neste sentido Charlot diz:

Que critério deve utilizar no caso da criança? Parece que a apreciação, de início, deve ser biológica. É exato que, ao nascer, a criança é fisiologicamente incapaz de bastar a si mesma, vai desenvolver-se e adquirir novos poderes. Mas a criança nasce e se desenvolve num meio social. Não é apenas biologicamente que a criança é fraca; é também socialmente, isto é, com relação ao adulto e as condições da vida em sociedade (1986:105).

Para analisar o processo da infância é importante abordar um pouco sobre o desenvolvimento de concepção de Infância e criança e analisar as mudanças historicamente construídas no decorrer dos anos.

Por volta do século XII as crianças eram tidas como adultos miniaturizados, não havia muita distinção entre o mundo adulto e o infantil, sendo sua única diferença entre ela e o adulto a questão da dependência relacionada à primeira infância. As crianças viviam o universo dos adultos como se fosse o delas e nessa percepção eram vistas como objetos de diversão pelas suas famílias, se vestiam, se distraíam com os jogos e até participavam da festa dos adultos.

Também nessa época muitas crianças eram separadas de suas famílias e levadas para o campo onde permaneciam até passarem pelas doenças infantis, que era o grande motivo das altas taxas de mortalidade infantil na época e em meados do século XVII ainda morriam vítimas de precárias condições sanitárias e descuido.

Áries (1981, p. 56) nos afirma que “a infância era uma fase da vida em que não se dava importância”. A morte de uma criança era logo substituída pelo nascimento de um filho, não se pensava em guardar lembranças de um ser que

morreu tão pequeno. Essa indiferença dos pais era uma forma de se protegerem do sofrimento em relação à perda do seu filho, tornando assim a primeira infância uma fase sem importância.

O sentimento de infância era inexistente no século XVII e foi preciso muito tempo para que suas diferentes mudanças e contextos construídos ao longo dos anos se firmassem nas mentalidades dos povos daquela época (ARIÈS, 1981). Este sentimento não é o mesmo que afeição pelas crianças, mas o entendimento à consciência da particularidade infantil, ou seja, aquilo que difere a criança do adulto, um ser com potencial e dotada de capacidade de desenvolvimento (KRAMER, 2001).

Por causa do crescimento das cidades, guerras e a peste negra há o surgimento de instituições para fins de abrigar pessoas abandonadas. Durante esse tempo a igreja em seu processo de cristianização no século XVII começa a ver as crianças de forma diferente preocupando-se não só cuidados e saúde, mas também, discipliná-las. Vê-se assim uma mudança de moral, cristã, física e emocional.

A partir do XVIII e XIX com essas mudanças a própria história se encarrega de criar novos paradigmas, transformando o modo de olhar a criança como um ser de características peculiares. A arte provoca uma importância à infância das crianças ora expressadas em pinturas e narrativas, demonstrando docilidades e fonte de relaxamento para os adultos, sendo porta voz de anseios, sentimentos e capaz de expor experiências e histórias vividas por elas, fazendo surgir na família um sentimento de “paparicação”. A criança passa a ser um objeto de mimo, pois é cheia de graça, servindo de certa forma, como um brinquedo para o adulto (ARIÈS, 1981, p4.) possibilitando a sensibilização entre adultos e crianças, como por exemplo, os contos de fadas.

Desse modo, a infância também deixa de ser compreendida apenas como categoria etária, com características vinculadas a fatores biológicos, como sendo única para todas as crianças, e passa a ser pensada como categoria social, embora definida por critérios de idade, como é em nosso país, mas, uma construção histórica e social, variando de sociedade para sociedade, de cultura para cultura. Cada criança pode ter uma infância diferente da outra, o que depende de uma série de fatores sociais, econômicos, políticos, culturais, étnicos, raciais, de gênero, todos concorrendo para definir os modos como cada infância é vivida. Desse modo, a

infância, é tempo de ser criança, mas é, ao mesmo tempo, a condição que cada criança tem, de “ser criança”.

CRIANÇA, INFÂNCIA E EDUCAÇÃO INFANTIL

O atendimento a infância no Brasil deu-se ainda no período colonial com a chegada dos jesuítas, que tinham a intenção de civilizar os índios através do cristianismo. No decorrer de grande parte da história da educação de crianças pequenas no Brasil, ele surge com um caráter assistencialista e com o objetivo de suprir a necessidade das famílias para a organização para o trabalho.

Como marco, que vem para romper com essa visão assistencialista surge em 1989 o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), focada nos direitos da criança e do adolescente, passando a serem vistos como sujeitos de direitos, norteando as instituições públicas ou privadas que trabalham com crianças.

E que através dos atendimentos que não só cuidassem de crianças, mas que ajudasse as mães a educá-las, já que o trabalho moderno trouxe novo significado ao trabalho fora do lar com a inserção da mulher no mundo do trabalho, houve uma preocupação do Estado enquanto a produzir políticas públicas que resguardasse a infância das crianças pobres, com um trabalho baseado para cada faixa etária e legislações específicas como a LDB nº 9.394/96 o atendimento de crianças em espaços coletivos passou a serem consideradas questões urgentes de Educação.

O termo “Creche” é de origem francesa e significa manjedoura ou presépio. Na Itália, foi utilizado o termo “asilonido” que indica um ninho que abriga. No Brasil, além do termo creche foi muito utilizada a denominação escola materna. Em todos esses nomes se reforça a instituição de educação infantil como um lugar da falta familiar (OLIVEIRA, 2002).

A creche no Brasil surge por meio das mudanças da economia mundial, o aumento da urbanização e a grande necessidade do aumento da força de trabalho. Com o avanço da industrialização e a necessidade de mão de obra, há a inserção da mulher no mundo do trabalho. Assim, uns grandes números de mulheres são contratadas gerando o problema de onde deixar seus filhos durante o horário de expediente.

A responsabilidade a priori foi passada as chamadas “criadeiras” que atendiam as crianças em troca de pagamento, porém, em precárias condições de higiene. Na segunda metade do século XIX, com o movimento higienista como medida da diminuição da mortalidade infantil na época surgiram às primeiras creches, para amparar as camadas populares e liberar a mão de obra feminina.

Por fim no século XIX foi trazido ao Brasil um novo meio de atendimento a criança chamado Jardim de Infância que defendia um método pedagógico de ajuda no desenvolvimento das mesmas influenciado pelo movimento das escolas novas (OLIVEIRA, 2002).

Diante dessa nova concepção, procurando dar diretriz a Educação Infantil, nos anos de 1990 a 2000 o MEC elaborou e elencou diversos documentos: “Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil” (RCNEI), “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil” (DCNEI), “Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil”, além do Plano Nacional de Educação (PNE) de 2001 e do PNE proposta da sociedade brasileira (1997), no que tange às ideias inerentes à especificidade educacional da Educação Infantil.

Partindo desses documentos a Educação Infantil com essa nova concepção de criança e infância baseadas em múltiplas áreas de conhecimento e desenvolvimento na condição de um sujeito ativo e de direitos que aprende que evolui, desconstrói e constrói conhecimentos.

Com uma proposta de atividades mais lúdica, o professor passou a valorizar a fala das crianças, suas produções e seu potencial. E em virtude disso, surge então a concepção construtivista, no qual o professor é aquela pessoa que media o conhecimento, o facilitador da aprendizagem redefinindo o papel do educador e do aluno. Onde o ensino favoreça a diversas linguagens (corporal, sensorial, plástica, oral e escrita, entre outras), com jogos e brincadeiras, perpassando pelos eixos norteadores para uma Educação Infantil de qualidade: Identidade e Autonomia, Linguagem Oral e Escrita, Matemática, Natureza e Sociedade, Música, Artes e Movimento (BRASIL, 1998).

Desse modo, evidencia-se que a função da Educação infantil, juntamente ao cuidado, proteção e acolhimento das crianças é de educá-las. A educação e o cuidado são, sem dúvidas, aspectos indissociáveis, tendo em vista que a própria criança é um ser completo e indivisível, devem ser respeitadas em suas

manifestações culturais, sociais, raciais, econômicas, bem como em suas crenças e valores, necessidades de afeto e acolhimento.

Essa função da Educação Infantil envolve múltiplos desafios a serem enfrentados pelas instituições e profissionais – gestores e professores – em seu cotidiano junto às crianças: educar-cuidar de crianças de zero a cinco anos e onze meses com o objetivo de contribuir para seu desenvolvimento integral, conforme definição na LDB (Lei 9394/96) que impõe aos profissionais a responsabilidade por criar condições objetivas para a formação pessoal e social das crianças.

A LINGUAGEM ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL COMO POSSIBILIDADE DE INTERAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO NA INFÂNCIA.

O trabalho com a leitura e escrita pode ser iniciado desde os primeiros anos de escolarização da criança. Ainda na Educação Infantil, a criança deve ser apresentada a elementos de nossa cultura escrita. Como propõe FERREIRO (1987) a criança vive em um ambiente letrado, permeado de conhecimentos da escrita, que necessitam ser significados e apresentados a ela. Assim, cabe ao professor possibilitar a criança construir novos significados através da decodificação dos signos, seja sonoro ou não, promovendo a aquisição da linguagem por meio da exploração vocal, reproduzindo, criando, e assim reconhecendo o uso das letras, das palavras e futuramente das frases, transformando sua realidade. E por meio dessa interação recriar sua história através de suas experiências.

Para Geraldi (2003), mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é concebida como lugar de interação humana: através dela o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria praticar a não ser falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não pré-existiam antes da fala. A linguagem é atividade, é prática de produção de sentidos nas interações.

Diante disso, pensar a exploração vocal como facilitador de ensino ao educador, torna o processo de alfabetização prazeroso e significativo à criança. No entanto, como essa proposta pedagógica é possível introduzir o gosto pela escrita?

Pode-se pensar como algo significativo para a criança e que por meio da interação, na escola, favoreça a aprendizagem da língua escrita. Visto que, a criança

desde cedo já esta inserida no contexto da linguagem escrita, pois começa em seu meio de convívio, bem antes do período escolar.

Como afirma Ferreiro(1993):

Há crianças que chegam a escola sabendo que a escrita serve para coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar-se muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita.(p. 23)

Nesta perspectiva o professor de Educação Infantil, tem de buscar uma direção, ou seja, uma estratégia de ensino onde a criança em sua experiência consiga ter o conhecimento necessário para compreender as razões do saber escrever.

A escrita é de natureza fonológica, ou seja, representa o aspecto sonoro da linguagem. A priori a criança acredita que as unidades sonoras da língua são representadas e perceptíveis através das sílabas, onde cada letra representaria uma sílaba. Ou de acordo com Leal (2006), que é necessário que a organização do ensino-aprendizado da língua escrita na escola oriente-se pela compreensão de que sua apropriação envolve, não apenas memorização, mas implica o domínio de uma série de propriedades lógicas da escrita.

A linguagem é, portanto, fundadora de uma nova relação do homem consigo mesmo e com o mundo, sendo o elemento constituidor do psiquismo humano. Conforme Luria (1986, p.80), “o desenvolvimento mental através da aquisição da experiência humano-social por meio da linguagem é a maior conquista do gênero humano”.

Falar de aquisição da linguagem escrita, e sua utilização como função social, independentemente de ser dentro ou fora da sala de aula, representa pensar em uma pré-história do desenvolvimento dessa linguagem, um caminho que a criança vai traçando desde o seu primeiro contato com a escrita. Entendendo esse caminho, os professores tornam-se capazes de valorizar o que as crianças trazem quando elas chegam a escola, e que a escrita pode ser definida como função que se realiza culturalmente, com as devidas intervenções.

Mediante ao pressuposto, Vygotsky (2007), defende que a criança apresenta uma linha de pensamento, nomeada por ele de pré-história da linguagem escrita, ou seja, mostrar o que leva as crianças a escrever, mostrar os pontos importantes pelos quais passa esses desenvolvimentos pré-histórico e qual a sua relação ao aprendizado escolar. Os primeiros indícios do aprendizado da escrita nos desenvolvimentos da criança, são os gestos, afinal, os gestos são as escritas no ar, e os signos escritos são, frequentemente simples gestos que foram fixados. Tentamos ver os primeiros rabiscos e desenhos das crianças mais como gestos do que como gestos do que como desenhos no verdadeiro sentido da palavra. Outros elementos culturais como as cantigas de roda, também auxiliam na “convite” a linguagem escrita. Pois configuram-se como conhecimentos socialmente significativos para as crianças de Educação Infantil.

Pensar de tal modo, sobre o desenvolvimento das habilidades de escrita, significa pensarmos nessa construção de uma escrita vivida por eles, em que para crianças nessa faixa etária, escrever não significa necessariamente compreender o processo de escrita.

Segundo Azevedo (2013), a escrita torna-se um instrumento de socialização, de imitação e de posicionamento dentro de uma sociedade letrada. As crianças utilizam-se da escrita como forma de brincadeira, sem a obrigatoriedade do ensino, escrever é sinônimo de prazer e realização, utilizando-se de um instrumento que a posterior servirá para a sistematização de suas atividades escolares. Sendo assim, aliar o trabalho pedagógico com o prazer em escrever nas crianças pequenas representa um grande ganho dentro do processo de apropriação da escrita pelas crianças.

A partir desta teoria por meio das quais a criança se apropria da escrita, que é fundamental para a alfabetização, se reorganiza estratégias para os processos de ensino aprendizagem de forma metódica, sistemática e planejada.

AS CANTIGAS DE RODA COMO ESTRATÉGIA NA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA

Quando pensamos no desenvolvimento infantil nada é mais prazeroso e passível de aprendizagem do que brincar. E através da brincadeira como uma atividade lúdica educativa, tem-se nela um papel importante, possibilitando um

trabalho onde se possa atingir o objetivo, que é sua interação de mundo, onde através de suas experiências elas adquiram a capacidade para adentrar nos diversos espaços sociais presentes no seu convívio.

Através das brincadeiras com cantigas de rodas a musicalização na educação infantil proporciona a criança um desenvolvimento afetivo e cognitivo além de possibilitar o vínculo com o adulto, no caso o professor ou professora. Seu objetivo para a fase entre quatro e cinco anos, segundo o RCNEI, é que possa oportunizar a criança a:

Explorar e identificar elementos da música para se expressar, interagir com os outros e ampliar seu conhecimento do mundo;

Perceber e expressar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio de improvisações, composições e interpretações musicais.

Nesse sentido, no uso da música se faz necessária a atividades como ouvir, cantar e dançar, onde a criança como um ser “brincante” e, brincandose descubra a cada dia e nesse exercício, inventa e imita, se expressando em cada fase de seu desenvolvimento.

Através dessas habilidades motoras que as crianças apresentam tem uma grande relação com o mundo das linguagens, onde esse mecanismo derepresentação, informação e expressão deve ser considerado.

E de acordo com Fontana e Cruz (1997), a linguagem é um produto histórico e significativo da atividade mental dos homens, mobilizadas a serviço da comunicação do conhecimento e aresolução de problemas.

Na realidade escolar o papel musical segundo Carbonell (2002, p.28) é que Na educação infantil se permite maior grau de flexibilidade e experimentação institucional dos conteúdos e dos modos de ensinar e aprender, pois existem menos pressão e controle acadêmico, familiar e social.

Assim, ao desenvolver a pratica musical, o professor pode usar de condutas de exploração, expressão e construção, baseadas em ações interdisciplinares, com a própria prática indagativa junto ao aluno, intervir/agir ou observar/escutar, para que enfim, reorganizem e tornem significativos os seus conhecimentos.

É importante salientar que o desenvolvimento da linguagem está ligado ao pensamento (VYGOTSKY, 2007). Conforme a criança vai crescendo e se

desenvolvendo, ela vai criando a capacidade de diferenciar-se dos outros e dos objetos em geral.

É possível verificar que ao longo dos anos a Educação Musical vem ganhando espaço no processo de formação docente nos cursos de Pedagogia. A partir da Lei 1.769/2008, a música passa a ser conteúdo obrigatório nas escolas de Educação Básica. No entanto, podemos afirmar que a importância da música na vida das crianças inicia muito antes de ingressarem na escola.

A música, gradativamente, é incorporada às ações da criança, especialmente nos momentos de jogos e brincadeiras, integrando a gestualidade, a movimentação e a sonoridade. A linguagem musical favorece o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da autoestima e o autoconhecimento, contribuindo também nos processos de socialização infantis. (SARMENTO; RAPOPORT, 2009, p. 42).

Assim, fica claro que a criança se desenvolve nas múltiplas dimensões quando tem a possibilidade de vivenciar momentos que contemplem a construção do conhecimento acerca dos conteúdos que envolvem a linguagem musical e a posteriori a linguagem oral e escrita.

No processo de aquisição da linguagem, a música se torna o personagem essencial na participação social do indivíduo, a expressão vocal se torna fonte de reprodução, criação e reconhecimento das primeiras letras, grafia, palavras, frases, e enfim, leitura e escrita.

Trabalhar a linguagem escrita na Educação Infantil trazendo as cantigas de rodas como possibilidade, desperta a atenção e o interesse das crianças através da sua letra, do seu ritmo fazendo com que o aluno acompanhe a cada canção com gestos e movimentos, ou seja, a partir de uma brincadeira, no qual o professor trabalha a oralidade, o aluno também é iniciado nas práticas sociais de leitura e escrita.

As cantigas ou cirandas retratam histórias divertidas e engraçadas em suas músicas, favorecendo as crianças o estímulo da imaginação e memória, movimento, expressão corporal, senso rítmico e organização coletiva, sociabilizando-as, sendo significativa no seu processo de desenvolvimento.

A importância da ação do brincar nesse processo é que através das brincadeiras é proporcionada a criança um momento de interação com o meio, troca de experiências, percebendo, sentindo, experimentando, imitando, criando e

refletindo, não se esquecendo de mencionar a relação entre professor- aluno- ludicidade, que contribuem para desenvolvê-lo nessa fase tão importante na vida escolar do mesmo.

O gênero musical enfatizado através das cantigas populares, por meio da brincadeira de roda, proporciona uma atividade lúdica que possibilita a criança vivenciar o mundo da linguagem e suas representações podendo formar o seu pensamento e uma interligação com a linguagem, sendo ela escrita ou não.

A cantiga de roda também contribui e articulam ações que busquem resgatar a cultura, sendo significativas, já que caracterizam um determinado povo e local, valorizando a história.

AS CANTIGAS DE RODA: LIMITES E POSSIBILIDADES COM A LINGUAGEM ESCRITA

A cantiga de roda traz como uma de suas características principais a letra, esta por sua vez cheia de rimas e brincadeiras linguísticas que favorecem a memorização, que participando das ações lúdicas através da brincadeira, cria e vive momentos de simbolismos, ampliando seu vocabulário, onde o docente pode levar a criança a pensar sobre a escrita, promovendo também um ambiente de incentivo.

Em nossa pesquisa de campo questionamos aos professores: Como você trabalha as cantigas de roda em suas atividades voltadas para alfabetização? Como? Apresentaremos a partir de agora os discursos que tomaremos como base para análise.

P1. Trabalhar cantigas de roda com sua turma através da música e do lúdico expõe as crianças as letras das cantigas e selecionando partes ela vai desenvolvendo vai montando por meio da reescrita proporciona ao aluno a noção de leitura e escrita.

De que forma, a cantiga de roda possibilita o reconhecimento da escrita e seus usos sociais no contexto da educação infantil? Com a cantiga de roda

possibilita a trabalhar oralidade da criança, a cultura popular, a interação/socialização o reconhecimento da escrita com os seus versos. Também possibilitando que vivenciem e explorem o movimento do corpo.

Com base na fala do professor 1, podemos perceber que a prática de cantiga de roda pode-se desenvolver todos esses aspectos que a priori através do momento lúdico do canto e da formação da roda acontece a interação, elas cantam e dançam aprendendo as letras das cantigas.

Essa didática pode ser associada a outras atividades como, por exemplo, em uma atividade de escrita das letras das cantigas em cartaz ou na lousa. Todo esse processo faz a criança refletir sobre as hipóteses por elas realizadas. Depois do momento das cantigas lemos as letras enfatizando-as palavras repetidas na mesma. Essa exploração faz com que a criança procure em outro momento, em suas experiências, letras ou até palavras que já conhece e até mesmo sendo motivada a ampliar seu vocabulário.

Para VYGOTSKY (1998), é necessário, levar a criança a uma compreensão interior da escrita, assim como fazer com que a escrita seja desenvolvida e organizada, durante um aprendizado linear. Se quiséssemos resumir todas essas demandas prática e expressa-las de uma forma unificada, poderíamos dizer que o que se deve fazer é ensinar às crianças a linguagem escrita e não apenas as escritas das letras.

O professor como mediador conduzirá as crianças na brincadeira proporcionando a aprendizagem e formação social. É importante saber que as crianças ao participarem das brincadeiras de roda trazem para a escola experiências pessoais com a linguagem oral e ao descobrirem isso poderá desenvolver a outra característica de comunicação como, por exemplo, a linguagem escrita.

Outra visão sobre o trabalho com as cantigas foi percebida fala da segunda professora entrevistada. Ao ser questionada: **como você trabalha as cantigas de roda em suas atividades voltadas para alfabetização? Como?**

P2. Trabalho a letra da cantiga em cartaz; com texto fatiado; o nome da cantiga (letra inicial, letra final, quantas letras, identificar alguma palavra dentro do texto, dentro de outras atividades), tudo isso de forma contextualizada.

De que forma, a cantiga de roda possibilita o reconhecimento da escrita e seus usos sociais no contexto da educação infantil? A cantiga de roda é uma atividade lúdica e serve de apoio ao desenvolvimento da linguagem falada e conseqüentemente ao processo de aquisição da linguagem escrita.

Mediante a essas opiniões vê-se que a cantiga de roda na educação infantil se torna um método, importantíssimo e eficaz de ensino aprendizagem interessante e prazeroso. É uma ferramenta poderosa nesse processo que envolve a ludicidade contribuindo para o desenvolvimento cognitivo, psicomotor e sócio-afetivo, como afirma Almeida (1995, p. 11) que a educação lúdica contribui e influencia na formação da criança, possibilitando um crescimento sadio, um enriquecimento permanente, integrando-se ao mais alto espírito democrático enquanto investe em uma produção seria do conhecimento. A sua pratica exige participação franca criativa, livre, critica, promovendo a interação social e tendo em vista o forte compromisso de transformação e modificação do meio.

Diante das perspectivas apresentadas em relação ao uso das cantigas na visão das professoras ao trabalharem a cantiga de roda em sala de aula é que se caracteriza como uma ferramenta de grande influência no desenvolvimento intelectual e social da criança. Que por meio da música as crianças conseguem memorizar e fixar as letras podendo explorar e trabalhar a pratica da escrita, oportunizando a experiência da sua função social.

Por meio da cantiga de roda como atividade exploratória, estimativa e motora, servindo de incentivo no uso e na manipulação e equipamentos de escrita, internaliza-se um sistema de representação da linguagem humana através de sua representação inicial que é os sons da fala, a variação linguística e por fim a ortografia, tornando-se mais um instrumento pedagógico.

É preciso destacar que, como nos disse Vygotsky (1998) enquanto o aprendizado da língua oral dá-se “naturalmente”, quer dizer, sem uma intervenção formal (pois é preciso intervenção dos adultos para uma criança aprender a falar) o mesmo não acontece com a língua escrita que, pela complexidade de suas convenções de simbolização requer, para seu aprendizado, intervenções intencionais e sistemáticas, cujo lugar é, em nossa sociedade, a escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões através dos referenciais teóricos vimos que a cantiga de roda na educação infantil apresenta inúmeras possibilidades de ensino aprendizagem da língua escrita. As brincadeiras por meio da ludicidade dentro da alfabetização favorecem ao desenvolvimento intelectual e social da criança.

Também vimos que esse aprendizado consiste no ato de reconhecer a linguagem escrita como: falar, ler, escutar e escrever, considerando que a nossa escrita é de natureza fonográfica. Assim para a criança da educação infantil pode sim ter acesso ao processo da aquisição da linguagem escrita, uma vez que a mesma já participa desse processo antes de chegar à escola.

Nessa convivência, a criança vai elaborando seu conceito de língua escrita, compreendendo as diferentes funções do ler e do escrever, ampliando seu conhecimento de letras e números, aprendendo a fazer distinções quanto a gêneros e portadores de textos (Soares, 2009).

No entanto esse processo tem práticas diferentes sendo mediada, sistemática e contextualizada. Através das cantigas se proporciona a criança a aquisição de repertório musical, interação social, desenvolvimento psicomotor, psicológico, emocional e cognitivo, de forma prazerosa e divertida.

Compreendendo a alfabetização como o ensino e o aprendizado da representação da linguagem humana, a escrita alfabética-ortográfica, onde o domínio dessa representação envolve conhecimentos e procedimento, capacidades motoras e cognitivas, relacionadas ao funcionamento da mesma.

Chega-se a conclusão de que o aprender a Ler e escrever através das cantigas de roda acontece de forma prazerosa e pode servir como mais um recurso pedagógico através da brincadeira, que é a linguagem universal das crianças, de ser uma ferramenta fundamental para a inserção social da criança e de ser objeto de seu interesse, a linguagem escrita pode ser trabalhada por meio de estratégias de aprendizagem capazes de respeitar as características da infância.

É importante ressaltar que essas reflexões não apresentam um trabalho concluído, mas que essas observações e a prática do fazer pedagógico do professor permitem refletir e contribuir sobre diferentes contextos com base nas quais o alfabetizando concebe, produz e interpreta a língua escrita na educação infantil.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, P.N. **Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos**. São Paulo, SP: Loyola, 1995.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- BAPTISTA, M. C. **Crianças menores de sete anos, aprendizagem da língua escrita e o ensino fundamental de nove anos**. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **A criança de 6 anos, a linguagem escrita e o ensino fundamental de nove anos : escrita em turmas de crianças de seis anos de idade**. Belo Horizonte: UFMG/FaE/CEALE, 2009.
- BATISTA, C. R. (org) **Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas**. Porto Alegre: Mediação, 2006.
- BRASIL, **Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996.
- CHARLOT, B. **A Mistificação Pedagógica: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação**. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- CARBONELL, J. **A aventura de inovar: a mudança na escola**. Trad. MURAD, F. de. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.
- FERREIRO, Emília. TEBEROSKI, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- FERREIRO, Emília: **Reflexões sobre alfabetização**. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1993.
- FONTANA, Roseli; CRUZ, Maria Nazaré da. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo. Atual, 1997.
- GERALDI, João Vanderley, et alii, (org). **O Texto em sala de aula**, São Paulo: Ática. 2003.
- KRAMER. Sônia. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- LEAL, Telma Ferraz. **A aprendizagem dos princípios básicos do Sistema alfabético: por que é importante sistematizar o ensino?** In: Albuquerque. E. B. C

e LEAL. T.F. (orgs). Alfabetização de Jovens e adultos em uma perspectiva de letramento. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

LURIA, Alexander Romanovich. **Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria**. Trad. Diana Myriam Lichtenstein e Mario Corso. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

MEC, Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil/Ministério da Educação e do Desporto**. Brasília, 1998. V.1.

OLIVEIRA, Z. R. **Educação infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez. 2002.

SARMENTO, Dirléia Fanfa; RAPOPORT, Andrea. et.al. **A criança de 6 anos no ensino fundamental**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

SOARES, M. Alfabetização e letramento na Educação Infantil. Belo Horizonte, **Pátio – Educação Infantil**, Ano VII, n.20.jul/out 2009.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. 6. ed., São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.